

# As relações comerciais entre Brasil e China e as possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros ao mercado consumidor chinês<sup>1</sup>.

Eduardo V.M.Villela\*

**Resumo:** AS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA desenvolvem-se rapidamente. De 2002 para 2003, o fluxo comercial saltou de US\$ 4 bilhões para US\$ 6.7 bilhões, ambos os valores aproximados, ou seja, uma elevação de 65%. Este artigo tem dois grandes objetivos. Primeiro, abordar de forma sucinta o comércio sino-brasileiro em anos recentes. Segundo, pesquisar o mercado chinês, a fim de descobrir potencialidades de mercado para o Brasil ampliar e diversificar as suas exportações à China. O trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica e entrevistas com pessoas conhecedoras do comércio sino-brasileiro. Da análise de informações sobre o intercâmbio comercial dos últimos anos, coletadas da base de dados do Ministério da Indústria, Desenvolvimento e Comércio Exterior do Brasil (MDIC), constata-se que há um desequilíbrio quanto à natureza qualitativa da pauta de exportações dos países: as vendas externas do Brasil à China são, em sua grande maioria, de produtos de baixo valor agregado (matéria primas e semimanufaturados); por outro lado, a China exporta ao Brasil, principalmente, manufaturados. Quanto a possibilidades de mercado para os bens brasileiros na China, por meio da análise de quatro necessidades vitais à continuidade do crescimento econômico chinês, construiu-se uma lista de produtos e serviços brasileiros factíveis de serem exportados a ela. Conclui-se o trabalho com a crença de que o comércio bilateral pode vir a se aprofundar consideravelmente.

*Palavras-chave:* Relações Comerciais Internacionais; Pesquisa de Mercado.

## 1- Brasil e China: muitas coisas em comum

Observando o Brasil e a China, ou outras sociedades orientais, parece ser difícil fazer uma comparação entre esses países com o Brasil. Pode-se imaginar que se tratam de países completamente diferentes, possuindo poucas semelhanças entre si. Fatores como a distância geográfica e as diferenças histórico-culturais são os responsáveis por tal visão. De fato, esses dois fatores são verdadeiros e servem para diferenciar os povos. No entanto, o Brasil e a China são mais parecidos do que diferentes.

O Brasil e a China estão entre as principais economias em desenvolvimento. Estes países, em termos populacionais e de dimensões territoriais, encontram-se na lista dos cinco maiores do mundo. Além disso, apresentam problemas semelhantes, como, por exemplo, as chamadas “ilhas de modernidade”<sup>2</sup> que convivem com elevados índices de desigualdades sócio-econômicas. O Brasil, por exemplo, possui uma das piores distribuições de renda nacional do planeta; já a China caracteriza-se por grandes disparidades entre as áreas rurais e urbanas. Segundo o Prof. Henrique Altemani de Oliveira, a renda per capita média da China em 2002 foi de US\$ 928, enquanto que na zona rural o valor foi de US\$ 298<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Este texto é resultado de uma pesquisa de iniciação científica concluída em dezembro de 2004.

<sup>2</sup> Por “ilhas de modernidade” entende-se: áreas urbanas onde se concentram indústrias, comércio dinâmico, instituições financeiras, centros de excelência em tecnologia, universidades, escolas e etc e onde vive uma população com um bom padrão de qualidade de vida.

Para o ex-presidente chinês Jiang Zemin, “A China e o Brasil, apesar de serem geograficamente tão distantes, são unidos estreitamente pelo objetivo idêntico de vitalizar a economia nacional, elevar o nível de vida do povo e salvaguardar a paz e a estabilidade do mundo.”<sup>4</sup>

O grande desafio destes países, no século XXI, será a redução de tais desigualdades, por meio da elevação da capacidade de consumo e do nível de qualidade de vida de suas populações, melhorando a distribuição de renda nacional.

Ainda, sobre as semelhanças entre Brasil e China Fujita relata que “(...) são dois países-continentes, são dois países de economias complexas e com grandes oportunidades, também grandes desafios, grandes problemas”<sup>5</sup>. O Embaixador Jádriel Ferreira de Oliveira, diplomata brasileiro que atuou vários anos em diferentes países da Ásia, discorrendo também acerca das similaridades entre o gigante sul-americano e o gigante asiático, assim como dos países do Sudeste Asiático, fala: “...Eu discordo totalmente dessa teoria de que são culturas diferentes e, que portanto, não há nada a aprender. Eu tive um almoço, a semana passada, com um banqueiro brasileiro muito conhecido e no momento em que eu comecei a falar para ele sobre o Sudeste Asiático, ele disse ‘Olha, comparar com o Sudeste Asiático não dá, porque eles são totalmente diferentes.’ E eu perguntei ‘Diferentes por quê?’ Eles têm dois olhos, andam, falam, têm fome, tomam banho, vão ao banheiro. As necessidades são as mesmas. E estamos todos no mesmo barco, pois todos queremos nos desenvolver. Todos queremos eliminar a fome, queremos empregos, tranquilidade (...) Isso de dizer que não se aplica a nós é uma falácia. São seres iguais a nós. O ‘hardware’ pode ser um pouco diferente, mas o ‘software’ é o mesmo. Nós temos em comum as mesmas aspirações, os mesmos medos, as mesmas esperanças, as mesmas alegrias. Eu olhava uma criança de rua nas Filipinas, em Jacarta ou em Bangcoc e eu via uma criança brasileira. Eu via a alma dessa criança igualzinha a minha. Então não há diferença. Somos todos um, na verdade.”<sup>6</sup>

Nossa visão vai de encontro àquela do citado diplomata, na medida em que nos preocupamos com a dignidade dos cidadãos.

## **2-Histórico das Relações Bilaterais entre Brasil e China**

Os primeiros contatos do governo brasileiro com o governo chinês ocorreram no final do século XIX. Com tais contatos intergovernamentais, o governo brasileiro pretendia trazer mão-de-obra chinesa para atender à nossa demanda por força de trabalho, principalmente na atividade cafeeira. Porém, esse projeto de imigração chinesa não se concretizou, pois houve uma recusa por parte do governo chinês. Então, vieram para o Brasil outros imigrantes: europeus (destaque para italianos e espanhóis) e japoneses. O Prof. Altemani conta que “O principal motivo da proibição oficial chinesa é que o Brasil ainda não tinha algo para demonstrar em termos de como se comportaria em relação à mão-de-obra imigrante. O

---

<sup>3</sup> Henrique ALTEMANI de OLIVEIRA, *Seminário- Brasil e China: uma parceria estratégica (a cooperação política, a cooperação técnico-científica e as relações econômico-comerciais)*.

<sup>4</sup> Jiang ZEMIN. *Reforma e Construção da China*. p.504.

<sup>5</sup> Edmundo SUSSUMU FUJITA, *em Entrevista concedida à mestrandia em Relações Internacionais da PUC-SP, Solange Dias*.

<sup>6</sup> Jádriel FERREIRA de OLIVEIRA, *Seminário- Brasil e China: uma parceria estratégica (a cooperação política, a cooperação técnico-científica e as relações econômico-comerciais)*.

que realmente se tinha era mão-de-obra escrava, que já tinha sido eliminada em diferentes etapas, mas que ainda era mantida. Nesse sentido, havia uma percepção negativa por parte da China sobre como o Brasil se relacionaria com essa mão-de-obra chinesa. De uma forma bem clara, a China tinha receio de que essa mão-de-obra viesse a se diferenciar pouco da mão-de-obra escrava utilizada.”<sup>7</sup> Ainda sobre esses primeiros contatos, Edmundo Sussumu Fujita expõe que “Em realidade, as relações formais entre os dois países datam do século XIX, quando um missão especial, integrada pelo ministro plenipotenciário Eduardo Calado, almirante Arthur Silveira da Mota (Barão de Jaceguay) e secretário Henrique Carlos Ribeiro, firmou, em 5 de setembro de 1880, um Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, em Tientsin, posteriormente substituído por novo acordo datado de 3 de outubro de 1881. Entretanto, o objetivo maior da iniciativa, que era de promover a imigração chinesa ao Brasil, não teve maiores desdobramentos, em vista da conjuntura política e econômica internacional à época.”<sup>8</sup>

Em 1911, Sun Yatsen proclama a República da China, tendo o Brasil a reconhecido em 1913 e já em 1914 instalado uma missão diplomática na capital chinesa.<sup>9</sup>

De 1911 até 1949, as relações sino-brasileiras foram praticamente apenas diplomáticas. Com a fundação da República Popular da China (China continental) pelo líder comunista Mao Ze Dong, o Brasil rompe relações com a China continental e reconhece a China Nacionalista (Taiwan) como a legítima representante do povo chinês. Essa atitude brasileira só pode ser compreendida em função do contexto da Guerra Fria, pois o Brasil era aliado e estava alinhado com os Estados Unidos, a super-potência líder do bloco capitalista. Segundo Fujita “Após a proclamação da nova República Popular da China, o embaixador Gastão de Rio Branco se trasladava para o Japão, em 24 de novembro de 1949, acreditado junto ao Comando Supremo Aliado, deixando pendente a questão do reconhecimento do novo regime. Com a eclosão da Guerra da Coreia e o acirramento da confrontação Leste-Oeste, o Brasil passava a se alinhar com as visões estratégicas de Washington, embora evitando um envolvimento militar na Península coreana. Nesse contexto, em dezembro de 1952, o Brasil deslocava de Tóquio o embaixador Gastão de Rio Branco para abrir a embaixada em Taipei, reconhecendo o regime nacionalista como a autoridade legal da China, situação que permaneceria até 1974.”<sup>10</sup>

Em 1961, o Governo brasileiro inicia um processo de aproximação com a República Popular da China<sup>11</sup> com a viagem de uma missão comercial brasileira a Pequim liderada pelo vice-presidente João Goulart.

Com o Golpe Militar de 1964 no Brasil, uma missão comercial chinesa que estava aqui no Brasil é presa, ocorrendo um retrocesso nesse processo de aproximação.

Em agosto de 1974, o presidente Ernesto Geisel reata relações diplomáticas com a China, lançando as bases para um convívio bilateral de sucesso que veio a se formar e a se consolidar nas décadas posteriores, como veremos a seguir.<sup>12</sup>

---

<sup>7</sup> Henrique ALTEMANI de OLIVEIRA, *em entrevista realizada por esta pesquisa em outubro de 2003*.

<sup>8</sup> Edmundo SUSSUMU FUJITA, *O Brasil e a China- uma parceria estratégica modelar*, in revista Política Externa, p.59-60.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p.60

<sup>10</sup> Edmundo SUSSUMU FUJITA, *O Brasil e a China- uma parceria estratégica modelar*, in revista Política Externa, p.60.

<sup>11</sup> Daqui para frente, utilizar-se-á o termo CHINA para designar a República Popular da China.

No âmbito das relações político-diplomáticas, ambos os Estados, por valorizarem “(...) um sistema internacional multipolar em que não se consolidem hegemonias unilateralistas que possam cercear suas margens de autonomia em questões de interesse nacional”<sup>13</sup> e por defenderem “(...) um ordenamento multilateral, sob a égide das Nações Unidas, em que os problemas atinentes à paz e segurança internacional, assim como outros temas globais, como meio ambiente e desenvolvimento sustentável, sejam deliberados de forma democrática e transparente”<sup>14</sup>, estabeleceram ampla cooperação nos Fóruns Multilaterais, posicionando-se, na grande maioria das vezes, da mesma forma, isto é, tomando, quase sempre, as mesmas decisões, além de defenderem o ponto de vista e os interesses do mundo em desenvolvimento. As relações políticas construíram-se de forma satisfatória, atingindo um elevado nível qualitativo que pode ser atestado pelas várias visitas de presidentes e funcionários do alto escalão dos dois governos. Por exemplo, o presidente Jiang Zemin esteve no Brasil em 1993 e 2001. Do lado do Brasil, o presidente Fernando Henrique Cardoso visitou a China em 1995. Em 2003, o ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, esteve na China à frente de uma missão comercial de empresários brasileiros. No ano seguinte, o presidente Lula, acompanhado por ministros, políticos e empresários visitou a China em maio. Em retribuição à visita de Lula, o presidente Hu Jintao esteve no Brasil em novembro do mesmo ano também acompanhado por membros do governo e empresários de seu país.

A cooperação tecno-científica é um outro campo que revela a força dos laços entre brasileiros e chineses. Desde os anos 80, o Brasil e a China desenvolvem o programa CBERS (China-Brazil Earth Resources Satellite) com recursos e tecnologia próprios. Esse programa objetiva produzir satélites de sensoriamento remoto para a observação de recursos terrestres (áreas ambientais, urbanas e agrícolas). O primeiro satélite foi lançado com sucesso em 1999, sendo que o lançamento de mais três já está previsto. O CBERS, por ser considerado uma iniciativa bem-sucedida tanto por brasileiros como pelos chineses, levou a um aprofundamento na cooperação tecno-científica. Fujita nos conta que “O êxito do empreendimento conjunto sino-brasileiro foi saudado em ambos os países como uma demonstração eloqüente das virtualidades da cooperação horizontal. Implementado em meio a muitos sacrifícios, decorrentes de dificuldades tanto técnicas quanto orçamentárias, o Programa CBERS constitui, hoje em dia, um símbolo da Parceria Estratégica bilateral.<sup>15</sup> No decorrer dos dois últimos anos, o âmbito da cooperação científica e tecnológica foi expandido para os domínios das tecnologias da informação, biotecnologia e recursos genéticos (em particular, a agricultura e a saúde), e novos materiais, assim como nanociência e nanotecnologia.”<sup>16</sup>

Desde 1974 até os dias atuais, o relacionamento comercial sino-brasileiro vem se desenvolvendo e se aprofundando continuamente. De 1974 até o início dos anos 90, o fluxo de comércio bilateral foi

---

<sup>12</sup> Até 1974, as relações do Brasil com a Ásia resumem-se, quase que exclusivamente, ao Japão, sendo fundamentalmente de caráter econômico.

<sup>13</sup> Edmundo SUSSUMU FUJITA, *O Brasil e a China- uma parceria modelar*, in revista Política Externa, p.65.

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> Em 1993 durante conversações com autoridades brasileiras, o então vice-primeiro-ministro chinês Zhu Rongji utilizou o termo *Parceria Estratégica* para designar as relações entre o Brasil e a China.

<sup>16</sup> Edmundo SUSSUMU FUJITA, *O Brasil e a China- uma parceria modelar*, in Revista Política Externa, p.67

umentando aos poucos e de forma cautelosa. Com a abertura do Brasil ao mercado internacional nos primeiros anos da década de 90 e com o aprofundamento das reformas econômicas na China também nos anos 90, possibilitando uma maior inclusão desta na economia internacional, assistiu-se a um crescimento acelerado das trocas entre os dois países. Como salienta Henrique Altemani de Oliveira “Somente na década de 90, com a abertura econômica brasileira e com a maior inserção chinesa, processa-se uma maior aproximação comercial entre os dois países (...)”<sup>17</sup>. Tal crescimento continua ocorrendo ininterruptamente e de forma intensa, evidenciando a importância e as possibilidades futuras de expansão do intercâmbio comercial entre brasileiros e chineses. Um exemplo disso é que de sexto maior em 2001, a China saltou para a posição de terceiro maior mercado comprador de produtos brasileiros em 2002, tornando-se em meados de 2003 o segundo maior e ultrapassando tradicionais importadores de mercadorias brasileiras, como o Japão, a Alemanha e a Argentina.

Embora fazer previsões acerca do futuro seja arriscado, pode-se dizer que o Brasil e a China, tendo em vista o histórico do relacionamento bilateral, continuarão estreitando e ampliando laços, pois há a percepção mútua de que essa cooperação fortalece os dois Estados no Sistema Internacional. No campo econômico-comercial, por exemplo, as possibilidades para que os laços se estreitem têm um fundamento econômico real, levando-se em consideração que o Brasil exportou para a China, no ano de 2003, quase o dobro do que havia exportado em 2002.<sup>18</sup> Pelo lado das exportações chinesas ao Brasil, houve também acréscimo no valor total de US\$ 593.654.526,00.<sup>19</sup>

### **3- O Comércio entre o Brasil e a China**

Com o restabelecimento das relações diplomáticas em 1974, as trocas bilaterais evoluíram lentamente, de forma constante, até o início dos anos 90. A partir do último ano de governo do presidente Itamar Franco, o intercâmbio comercial sino-brasileiro entrou em uma fase de rápido crescimento que dura até o presente<sup>20</sup>. O início dessa fase de crescimento acelerado se deve à abertura econômica do Brasil, mas também ao avanço das reformas econômicas na China que abriu espaço para uma melhor e maior inserção e adaptação desse país a Economia Internacional.

Em um texto da Embaixada da China no Brasil, lê-se “... Segundo estatísticas da Alfândega da China, no ano de 1974 em que os dois países estabeleceram relações diplomáticas, o valor total do comércio foi de US\$ 17,42 milhões, até 1979, esta cifra aumentou para US\$ 216 milhões, sendo 12 vezes do valor do ano de 1974. Durante a década de 80, o valor total do comércio bilateral chegou em média aos US\$ 755 milhões por ano, e na década de 90, aumentou para US\$ 1,494 bilhões. No último ano do século XX, o valor total do comércio bilateral alcançou US\$ 2,845 bilhões, e no ano de 2001, o volume

---

<sup>17</sup> Henrique ALTEMANI de OLIVEIRA, *Os Blocos Asiáticos e o Relacionamento Brasil-Ásia*, in Revista São Paulo em Perspectiva, p.121.

<sup>18</sup> Vide Anexo 1.

<sup>19</sup> Exportações chinesas de 2003 (US\$ 2.147.666.766) – exportações chinesas de 2002 (US\$ 1.554.012.240) = US\$ 593.654.526,00.

<sup>20</sup> Para dados numéricos do comércio sino-brasileiro desde 1984, consulte o anexo 2.

comercial aumentou 30% em comparação com o ano de 2000, atingiu US\$ 3,698 bilhões, sendo 211 vezes maior do que o do ano de 1974.”<sup>21</sup>

Em 2003, o comércio entre brasileiros e chineses ultrapassou a cifra de US\$ 6 bilhões<sup>22</sup>, passando a China a ocupar a posição de terceiro maior mercado comprador de bens brasileiros. Segundo Fernanda Ramone, pesquisadora da Câmara de Indústria e Comércio Brasil-China, o Brasil foi o vigésimo principal parceiro comercial dos chineses em 2001 e nesse mesmo ano “... a China foi o nono país de origem das nossas importações, atrás dos E.U.A., Argentina, Alemanha, Japão, Itália, França, Coreia do Sul e Nigéria.”<sup>23</sup>

Embora o comércio bilateral entre o Brasil e a China possa ser considerado bem-sucedido devido ao seu vertiginoso crescimento de 1993 para cá, apresentando valores expressivos, ele ainda pode ser ampliado consideravelmente “... em vista do potencial de crescimento de cada país e de seu mercado consumidor. Para se ter uma idéia, as exportações brasileiras em 2002 corresponderam a 0,9% do total de importações chinesas. Por sua vez, a China respondeu por apenas 0,5% das importações nacionais.”<sup>24</sup>

### 3.1 As exportações brasileiras para a China

Os principais produtos exportados para a China nos últimos quatro anos foram: soja (óleo, farelo e soja em grão), minério de ferro, laminados e semimanufaturados de ferro e aço, automóveis, peças e acessórios para tratores e veículos, couro, madeiras, celulose e papéis. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), a exportação brasileira por fator agregado se distribui da seguinte forma: 54,9% provém da comercialização de produtos primários, 21% dos bens semimanufaturados e 24,1% dos manufaturados.<sup>25</sup>

Nos últimos anos, o Brasil tem diversificado e aumentado o número de produtos exportados à China. Entretanto, os bens citados acima representam quase a totalidade das nossas vendas. Os demais produtos ainda não geram grande volume de divisas nos negócios. Paul Liu, presidente da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE) fala que “... Hoje, 75% das nossas exportações concentram-se em meia dúzia de produtos. De um total de US\$ 6 bilhões de comércio bilateral, as nossas exportações somam um valor de US\$ 4,5 bilhões, representando as vendas de minério de ferro, ferro, soja, aço, automóveis e celulose 75% do total das exportações.”<sup>26</sup> E indignando-se, ele continua “Isso é aquilo que a gente exporta. Será que o Brasil só tem meia dúzia de produtos a oferecer? Por acaso nós não podemos exportar os nossos produtos brasileiros, a nossa tecnologia, os nossos produtos manufaturados, como nós já começamos a conquistar a Europa, os Estados Unidos?”<sup>27</sup> O Prof. Altemani também nos

---

<sup>21</sup> Embaixada da RPC no Brasil, *Comércio Bilateral entre a China e o Brasil*.

<sup>22</sup> De acordo com dados do MDIC (Secex), as trocas chegaram a um valor aproximado de US\$ 6,680 bilhões.

<sup>23</sup> Fernanda RAMONE, *Aspectos Comerciais e Tributários entre China e Brasil*.

<sup>24</sup> Douglas PORTARI, *Histórico da Parceria*, in Revista Parceria Brasil-China, p.10

<sup>25</sup> Patrícia CAMPOS MELLO, *Para o Brasil, bom negócio é com a China*, in Jornal O Estado de S. Paulo.

<sup>26</sup> Paul LIU, *Seminário- Brasil e China: uma parceria estratégica (a cooperação política, a cooperação tecno-científica e as relações econômico-comerciais)*.

conta que “... As exportações do Brasil, no início dos anos 90 e mesmo até hoje, vão se concentrar em poucos produtos. Basicamente, minérios, para a siderurgia chinesa, e soja. (...) Houve uma ampliação do número de produtos nos últimos anos, mas o que, realmente, representa o grosso da exportação é a soja e os minérios.”<sup>28</sup>

A resposta a essas indagações de Paul Liu está dentro das possibilidades de o Brasil se estruturar para poder exportar mais. Isto faz parte das necessidades brasileiras para o desenvolvimento. Fatores como o denominado “custo Brasil” ainda estrangulam a nossa capacidade de produzir mais e sermos mais competitivos internacionalmente. Esses fatores são: alta carga tributária, estradas esburacadas, portos e aeroportos mais caros do mundo, dificuldades de logística, problemas com a legislação trabalhista, entre outros.

### 3.2 As exportações chinesas para o Brasil

Analisando-se o Anexo 1, ver-se-á, a exceção do período de 1996 a 2000, que a balança comercial foi positiva para o Brasil no intervalo temporal considerado pela tabela. Tal situação faz com que os chineses, notadamente membros do Estado chinês, protestem e critiquem o déficit comercial com o Brasil, pressionando para que este abra os seus mercados e compre mais da China. Conforme reportagem da Revista Parceria Brasil-China, “Em um encontro realizado em São Paulo há alguns meses, o cônsul geral da China em São Paulo, Shen Qing, disse que “não se pode ficar cegamente otimista” quanto às relações bilaterais. Isso porque, explicou, se o Brasil quer elevar as exportações para a China, tem de levar em conta que Pequim também quer equilibrar a balança comercial bilateral, vendendo mais para o mercado nacional e saindo do tradicional déficit que tem com o País.”<sup>29</sup> Paul Liu também fala: “Eu sempre digo que o Comércio Bilateral é uma via de duas mãos. Para que as coisas dêem certo, os dois países têm que ser beneficiados e ceder um pouco também. Não basta apenas o Brasil querer vender para a China e comprar pouco dela. Os chineses também querem exportar para cá e abrir mercados para os seus produtos.”<sup>30</sup>

Apesar dos protestos e reclamações chineses quanto ao desequilíbrio na balança comercial, as importações brasileiras de produtos chineses têm crescido rapidamente. De 2002 para 2003, por exemplo, houve um crescimento aproximado de 38% no valor das compras brasileiras de bens chineses. “Em 2003, a China foi o quinto maior fornecedor do Brasil. Em janeiro e fevereiro deste ano, as importações de produtos chineses feitas pelo país aumentaram 60% em relação ao mesmo período do ano passado.”<sup>31</sup>

Os principais produtos que o Brasil importa da China são: máquinas, aparelhos e material elétricos; combustíveis, óleos e ceras minerais; produtos químicos orgânicos; caldeiras, máquinas,

---

<sup>27</sup> Paul LIU, *Seminário- Brasil e China: uma parceria estratégica (a cooperação política, a cooperação tecno-científica e as relações econômico-comerciais)*.

<sup>28</sup> Henrique ALTEMANI de OLIVEIRA, em *Entrevista realizada por esta pesquisa em outubro de 2003*.

<sup>29</sup> Paula ALVES de LIMA. *Olho no olho*. In “Revista Parceria Brasil-China”, p.10.

<sup>30</sup> Paul LIU, em *entrevista realizada por esta pesquisa em julho de 2004*.

<sup>31</sup> Edegar CID FERREIRA. *Dinamismo chinês contagia o Brasil*. In “Revista Parceria Brasil-China”, p.65.

aparelhos e instrumentos mecânicos;<sup>32</sup> tecidos e artigos para vestuário; brinquedos e outros supérfluos; alho e outros itens alimentares.

### 3.3 Algumas considerações sobre o comércio bilateral

Analisando-se informações sobre o Comércio entre Brasil e China nos últimos 4 anos<sup>33</sup>, constata-se que as exportações do Brasil para a China e vice-versa têm aumentado rapidamente em um espaço de tempo relativamente curto<sup>34</sup>. Acreditamos que o comércio bilateral possa ser aprofundado muito mais, visto que as porcentagens das exportações de um para o outro e vice versa ainda representam um valor muito baixo no total das importações de cada um. Lembremos que as vendas brasileiras em 2002 responderam por 0,9% do total das importações chinesas, enquanto que as exportações chinesas foram responsáveis por 0,5% das importações do Brasil.<sup>35</sup>

Ainda de acordo com dados do intercâmbio comercial sino-brasileiro, verificamos o peso excessivo dos produtos primários e semimanufaturados na pauta exportadora do Brasil: soja, minério de ferro, laminados e semimanufaturados de ferro e aço, suco de laranja, carne de aves, fumo, couro e madeira somados representaram, em média, 70% do valor total das vendas brasileiras no período de 2000 a 2004. No caso da China, por outro lado, destacam-se as exportações de bens manufaturados, com uma participação de quase 50%.<sup>36</sup> Assim, para que o Brasil se beneficie mais das relações comerciais com a China, ele deve concentrar esforços em melhorar a qualidade de suas exportações, através do aumento da participação de produtos de maior valor agregado na pauta.

Esforçar-se em melhorar a qualidade das nossas vendas externas, dentre outros fatores, depende da realização de um trabalho de avaliação de potencialidades de mercado na China, o qual desenvolveremos nos próximos dois itens.

## 4- Crescimento Econômico e Necessidades Vitais

O acelerado e milagroso crescimento econômico chinês dos últimos 25 anos, uma média acima de 8% ao ano, causa transformações profundas, especialmente, no plano social e econômico.

Embora a grande maioria da população chinesa ainda seja pobre<sup>37</sup>, desde o início das reformas, mais de 250 milhões de pessoas foram retiradas de um estado de miséria absoluta e

---

<sup>32</sup> MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (DEPARTAMENTO DE PROMOÇÃO COMERCIAL). *Como Exportar: República Popular da China*. p.83.

<sup>33</sup> Estas informações podem ser coletadas em tabelas detalhadas sobre o comércio bilateral, disponíveis no site do MDIC, [www.mdic.gov.br](http://www.mdic.gov.br).

<sup>34</sup> Vide evolução dos números nos anexos 1 e 2.

<sup>35</sup> Douglas PORTARI, *Histórico da Parceria*, in Revista Parceria Brasil-China, p.10

<sup>36</sup> Resultado da soma dos itens: caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos; máquinas, aparelhos e material elétricos; brinquedos e outros supérfluos; tecidos e artigos para vestuário; produtos químicos orgânicos.

<sup>37</sup> Estima-se que o número de pobres seja de aproximadamente 800 milhões de pessoas.



incorporadas ao mercado consumidor chinês com um razoável poder de consumo<sup>38</sup>. Segundo Liu “ Há mais de 10 anos (...) a economia chinesa vem apresentando altas taxas de crescimento, que efetivamente têm sido acompanhadas de uma elevação da renda média per capita do país, integrando parcelas da população chinesa (1,3 bilhão de habitantes) no processo de crescimento econômico.”<sup>39</sup>

Ele descreve que “Hoje o mercado chinês é formado por 400 milhões de pessoas com uma boa capacidade para consumir. Estas pessoas trabalham nas indústrias e representam por volta de 35% da mão-de-obra chinesa. Você sabia que por ano entram para o mercado chinês 75 milhões de pessoas? Estas pessoas [refere-se aos 400 milhões de habitantes] estão nas grandes áreas urbanas chinesas. A grande maioria da população ainda vive no campo e é pobre. Mas você precisa ter uma coisa clara que ser pobre na China não é o mesmo que aqui [refere-se ao Brasil]. O chinês pobre vive com pouco, mas de maneira digna. Pessoas miseráveis existem menos de 50 milhões na China. Se você parar para pensar, 50 milhões em 1 bilhão e 300 milhões de pessoas é nada.”<sup>40</sup> O Brasil, proporcionalmente, tem mais miseráveis do que a China. Com este mercado consumidor de 400 milhões de indivíduos, além do seu potencial de ampliação nos próximos anos e décadas, não é difícil compreender o porque a China se converteu no centro das atenções mundiais.

No que concerne à economia, a China de 1979 era um país quase totalmente agrário, atrasado tecnologicamente, com exceção da área bélica, e pouco desenvolvido no comércio exterior e no setor de serviços. As poucas indústrias existentes limitavam-se a estatais do setor de base e do setor militar. Já a China do século XXI, classificada como a “fábrica do mundo”<sup>41</sup>, apresenta tecnologia de ponta e um comércio exterior dinâmico, além de melhorar rapidamente o setor de serviços.

Story, ao discorrer sobre a mudança do perfil das exportações chinesas, mostra como a economia chinesa sofreu profundas mudanças em um curto espaço de tempo: “Em 2002, a China já tinha se elevado, da posição de 32º exportador do mundo em 1978, para a de 5º exportador mundial, atrás somente dos EUA, Alemanha, Japão e França, e na frente da Inglaterra, Canadá, Itália, Holanda e Hong Kong. As exportações cresceram em mais de 10% e a estrutura das exportações mudou, visto que em 1980 sua metade era constituída de bens primários e agora 90% são de bens manufaturados [ver tabelas 18 e19]. Desse total, a proporção de bens manufaturados intensivos em mão-de-obra caiu de mais de 60% nos anos 80 para 40% em 2001, ao passo que os bens associados a mão-de-obra altamente qualificada e insumos tecnológicos haviam-se elevado a 30% do total em 2001. Os investidores estrangeiros foram responsáveis por 40-60% do total das exportações. Uma razão para esse aumento no comércio foi o crescimento no número de empresas comerciais, de menos de vinte em 1978, para centenas de milhares.”<sup>42</sup>

---

<sup>38</sup> É importante lembrar que, embora a renda per capita chinesa média seja de US\$1000, valor baixo para os padrões internacionais, o país é o segundo em paridade de poder de compra.

<sup>39</sup> Paul LIU, *Empresários debatem o crescimento chinês*, in revista Rochas, p.96-98.

<sup>40</sup> Paul LIU, *em entrevista realizada por esta pesquisa em julho de 2004*.

<sup>41</sup> No seguinte trecho, entendemos porque se atribui a China a designação de “fábrica do mundo”: “... a China lidera a produção mundial de diversos tipos de equipamentos eletrônicos. Com Hong Kong, será, em 2004, líder mundial na produção de oito dos doze principais produtos eletrônicos de consumo. Prevê-se que em 2004 a China deverá responder por mais da metade da produção mundial de aparelhos de DVD e câmaras (sic!) digitais; mais de um terço dos equipamentos de DVD e CD-ROM, computadores pessoais e computadores portáteis e cerca de um quarto dos telefones celulares, TVs coloridas, agendas eletrônicas e aparelhos estéreos para automóveis.”(PAULINO, 2004:26)

<sup>42</sup> Jonathan STORY. *China: a corrida para o mercado*. p.124-125.

**Tabela 18**

**A estrutura das Exportações da China (%)**

<i>Exportações</i>	1985	1990	1995	1997	2000
Produtos Primários	50,6	25,6	14,4	13,1	10,2
Produtos Manufaturados	49,4	74,4	85,6	86,9	89,8

Fonte: China Statistical Yearbook, 2000. Compilado pelo Departamento Nacional de Estatísticas, República Popular da China, China Statistics Press, Pequim.

**Tabela 19**

**A estrutura das Importações da China (%)**

<i>Importações</i>	1985	1990	1995	1997	2000
Produtos Primários	12,5	18,5	18,5	20,1	20,7
Produtos Manufaturados	87,5	81,5	81,5	79,9	79,2

Fonte: China Statistical Yearbook, 2000. Compilado pelo Departamento Nacional de Estatísticas, República Popular da China, China Statistics Press, Pequim.

Charles Tang, presidente da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China, ao expor um pouco da história da Zona Econômica Especial (ZEE)<sup>43</sup> de Shenzhen, uma das maiores concentrações urbano-industriais da China na atualidade, também nos informa, na passagem a seguir, sobre a modernização chinesa nos últimos vinte e cinco anos: “Hoje, as ZEEs litorâneas chinesas somam quase vinte. Somente as exportações da ZEE de Shenzhen, que, há duas décadas, era apenas uma vila de pescadores, criadores de porcos e hortaliças, equivalem a 50% das exportações do Brasil.”<sup>44</sup>

<sup>43</sup> As ZEEs são áreas em que o Governo Chinês proporciona incentivos fiscais para o investimento estrangeiro. Elas operam como plataformas de exportação, além de atrair tecnologia e também abastecer o mercado interno chinês de uns poucos anos para cá. Elas foram o ponto de partida do crescimento econômico chinês. O sucesso delas quanto a estratégia de atrair o capital externo produtivo foi tamanho que até 2003 aproximadamente 400 mil empresas estrangeiras receberam autorização para atuar na China.

<sup>44</sup> Charles A. TANG. *Brasil, Superpotência Econômica?*. p.5.

Porém, para que a China mantenha o seu crescimento econômico nos anos e décadas vindouros, atingindo as metas estabelecidas nos Planos Qüinqüenais<sup>45</sup>, ela precisa obrigatoriamente fazer com que quatro necessidades, aqui consideradas como vitais, continuem sendo ou sejam satisfeitas: alimentar sua população; suprimento de recursos energéticos e de energia; desenvolver infra-estrutura; e, desenvolver tecnologia.

#### 4.1 Necessidade Vital 1: Alimentar sua população

Geograficamente, a China possui uma pequena área de terras e clima propícios à realização da atividade agropecuária, em que se destacam as planícies. O restante do país é composto por regiões de montanhas, de desertos e áreas de clima severo com temperaturas abaixo de  $-10^{\circ}\text{C}$ , todas inviáveis à tal atividade. Além disso, não podemos nos esquecer de mencionar o fato de que a China tem problemas de escassez com recursos hídricos. Conforme Pomar, a terra arável da China "... compreendia apenas 7% do planeta, sem chance de expansão significativa. O que, por si só, já exigiria que não se considerasse a agricultura algo de menor importância. Afora isso, nas zonas rurais ainda estavam concentrados, no início do século XXI, cerca de 70% da população chinesa."<sup>46</sup> Estes 7% representam 122 milhões de hectares de terras, ou seja, aproximadamente 15% do território.

A manutenção e a sustentabilidade do crescimento econômico chinês depende fundamentalmente da capacidade da Administração Central em proporcionar melhoras nas condições de vida da população. Um dos pontos cruciais destas melhoras é garantir a segurança alimentar da população: possuir comida suficiente para saciar a fome do chinês pobre e ter produtos alimentares de qualidade<sup>47</sup> e em quantidade para atender à demanda da classe média. Como visto, limitações de ordem natural impõem aos chineses apenas duas opções: investir em tecnologia para aumentar a produtividade de suas terras e importar alimentos de grandes produtores mundiais.

Ao longo dos últimos anos, a produtividade das terras chinesas aumentou substancialmente, graças a pesados investimentos do Estado em ciência e tecnologia. Para se ter idéia, a produção de grãos da China é quase 3 vezes a do Brasil.

Entretanto, esta elevação da produtividade não proporciona a auto-suficiência na produção de alimentos, ficando muito aquém das necessidades alimentares de 1,3 bilhão de pessoas. Some-se ainda o fato de que o avanço de áreas construídas (zonas urbanas- indústrias, conjuntos habitacionais e etc) toma espaço de terras apropriadas para o cultivo de grãos nas planícies, como também a política de arborização e reflorestamento no país faz o mesmo<sup>48</sup>. A taxa de urbanização da China é de 45%, baixa para a média

---

<sup>45</sup> De acordo com o Governo Chinês, um Plano Qüinqüenal fixa metas para o desenvolvimento econômico do país. A China está no 10º Plano Qüinqüenal cuja a vigência é de 2001 a 2005. O texto com as diretrizes deste Plano encontra-se no site [www.china.org.cn/english/features/China2004/106988.htm](http://www.china.org.cn/english/features/China2004/106988.htm).

<sup>46</sup> Wladimir POMAR. *A Revolução Chinesa*. p. 119.

<sup>47</sup> O Conceito de "qualidade" na alimentação leva em conta os nutrientes dos alimentos.

<sup>48</sup> No texto do 10º Plano Qüinqüenal, lemos: "*The Forest coverage will be raised to 18,2 percent, and the urban green rate, to 35 percent ...*". Vide o site [www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm](http://www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm).

mundial, e certamente crescerá substancialmente nas próximas décadas.<sup>49</sup> “Estima-se que nos próximos 20 anos cerca de 350 milhões de chineses deixarão o campo em direção às cidades, criando uma demanda sem precedentes de bens de consumo...”<sup>50</sup>, o que diminuirá ainda mais o espaço para o cultivo. Até 2015, há previsão de que ocorrerá uma diminuição de 13% das terras produtivas na China.<sup>51</sup>

À medida que se amplia o mercado consumidor chinês, a demanda por alimentos cresce. A primeira modificação que uma pessoa faz, assim que deixa a situação de pobreza, é elevar os seus gastos com alimentação. Agora imaginemos as dezenas de milhões de chineses que, ano após ano, entram para o mercado consumidor somadas às já centenas de milhões de pessoas que já compõem tal mercado, como a demanda por bens alimentares aumenta. Tanto isso é verdade que várias *commodities* atingiram cotizações recordes no mercado internacional no ano passado e neste ano, puxadas, em grande parte, pelas compras chinesas. Estudo da consultoria estrangeira Miliboss International estima que a população chinesa atingirá 1,4 bilhão de habitantes até 2015, elevando o consumo anual de grãos para 600 milhões de toneladas, considerado-se um consumo per capita atual de grãos de 500 Kg. A produção chinesa foi de 450 milhões de toneladas em 2003. Portanto, a China deverá importar 150 milhões de toneladas de grãos a partir de 2015. Hoje, o comércio internacional de grãos é da ordem de 200 milhões de toneladas, isto é,  $\frac{3}{4}$  desta produção será absorvida pela China.<sup>52</sup>

Em resumo, não há como a China não depender do mercado externo para garantir a sua segurança alimentar. Com certeza grandes produtores e exportadores mundiais sairão beneficiados desta enorme demanda chinesa prevista.

#### **4.2 Necessidade Vital 2: Suprimento de Recursos Energéticos e de Energia**

O crescimento econômico depende diretamente da disponibilidade de recursos energéticos e do fornecimento de energia em quantidades adequadas para o sustentar. Um abastecimento deficiente ou mesmo a insuficiência de energia limita e obstrui o avanço econômico de qualquer país. Justificamos com um exemplo simples: o setor industrial de um país tem sérias restrições ao seu desenvolvimento com o problema de insuficiência de energia, pois o aumento da produtividade e a realização do investimento ficam praticamente impossibilitados. Recentemente em 2001, o Brasil enfrentou uma crise energética que resultou da falta de investimentos e planejamento do Estado para o setor. Tal crise trouxe prejuízos ao país e limitou o seu crescimento naquele ano.

O Governo Chinês tem grande preocupação com o suprimento energético, pois a continuidade do crescimento chinês passa fundamentalmente pela questão da energia. A ampliação e o surgimento de

---

<sup>49</sup> Em outra passagem do 10º Plano Quinquenal, temos: “... and the urbanization level will be raised.” Vide o site [www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm](http://www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm).

<sup>50</sup> Luís Antônio PAULINO, *O Milagre Chinês*, in Revista Bonifácio, p. 25.

<sup>51</sup> MILIBOSS INTERNATIONAL CONSULTANTS LIMITED. *A Velocidade e Tamanho do Futuro Desenvolvimento Econômico Chinês Depende do Fornecimento dos Recursos Naturais e Energéticos*, p.1.

<sup>52</sup> MILIBOSS INTERNATIONAL CONSULTANTS LIMITED. *A Velocidade e Tamanho do Futuro Desenvolvimento Econômico Chinês Depende do Fornecimento dos Recursos Naturais e Energéticos*, p.1.

muitas plantas industriais na China, como resultado das enormes cifras de investimento estrangeiro direto, o rápido processo de urbanização e a ampliação acelerada do mercado de automóveis e veículos<sup>53</sup> justificam tal preocupação da Administração Chinesa quanto à obtenção de recursos energéticos e o fornecimento de energia. Ultimamente, a imprensa internacional veicula informações de que o sistema energético chinês opera no seu limite e que o risco de “apagões” nas grandes cidades é iminente.

A seguir abordaremos a composição da matriz energética chinesa.

“O petróleo responde por 25% da demanda total de energia na China, e este valor pode subir para 50% em 2030.”<sup>54</sup> Até 1992 a China era auto-suficiente em petróleo. Desta data em diante, o seu consumo eleva-se aceleradamente e ela em poucos anos assume a posição de 3º maior importador do produto do mundo, atrás apenas do Japão e dos Estados Unidos. O crescimento da demanda chinesa por petróleo deve-se às altas taxas de produção industrial, ao aumento do número de automóveis, a uma explosão no tráfego aéreo e aos controles de preços.<sup>55</sup> Hoje, a China consome quase 10% do petróleo extraído no planeta. “A Agência Internacional de Energia considera que a China, que agora consome 9% da energia global, aumentará sua participação para 20% em 2010. A China, transformada em importador de petróleo em 1992, é o importador de petróleo que mais cresce, e em 2010 espera-se que importe mais de 50% de suas necessidades de petróleo (...). Em 2020, a China poderá importar duas a três vezes o volume de sua produção local.”<sup>56</sup>

Lohbauer explica que “Em 2001, 56% do petróleo importado pela China era originário do Oriente Médio, sendo o Irã e a Arábia Saudita os maiores fornecedores ....”<sup>57</sup>, levando o país a uma mudança em suas relações internacionais com os países desta região.

O gás natural representa mais de 2% do consumo energético total da China. O governo pretende elevar o percentual para 5% até 2005, pois o gás é um combustível limpo e é necessário como matéria-prima industrial. Um estímulo a mais à ampliação do uso do gás é que a China possui grandes reservas.<sup>58</sup>

O carvão responde por mais de 65% do consumo de energia chinês. O país “tem 11% das reservas globais de carvão, mas grande parte delas é de baixa qualidade, de mineração perigosa, com alto teor de enxofre, e muito poluente.”<sup>59</sup> Sobre os efeitos nocivos do carvão, Lohbauer lembra que “Durante décadas o carvão foi a maior fonte de energia da China (ainda continua sendo, mas em processo lento de substituição por outras fontes) causando severa poluição às cidades e violentas chuvas ácidas que afetaram 40% do país.”<sup>60</sup>

A produção de energia hidrelétrica na China ainda é pequena. Entretanto, o governo investe na construção de usinas hidrelétricas. O projeto mais ambicioso é o da construção da Barragem de Três

---

<sup>53</sup> De 2002 para 2003, houve um crescimento de mais de 80,7% na produção de automóveis. Em 2003 foram comercializados 2,7 milhões de unidades, de acordo com estatísticas do governo chinês.

<sup>54</sup> Jonathan STORY. *China: a corrida para o mercado*. p.137.

<sup>55</sup> Ibid.

<sup>56</sup> Jonathan STORY. *China: a corrida para o mercado*. p.135-136.

<sup>57</sup> Christian LOHBAUER, *A China e a Dimensão Energética da Ásia*, in *Revista Política Externa*, p.52.

<sup>58</sup> Jonathan STORY. *China: a corrida para o mercado*. p.138.

<sup>59</sup> Jonathan STORY. *China: a corrida para o mercado*. p.138.

<sup>60</sup> Christian LOHBAUER, *A China e a Dimensão Energética da Ásia*, in *Revista Política Externa*, p.55.

Gargantas no rio Yangtsé. Esta usina começará a operar a plena carga no final desta década e aumentará sobremaneira a produção de energia hidrelétrica na China.

Um dos principais esforços do governo chinês no que tange à política energética é a busca pelo desenvolvimento de novas fontes de energia renovável e pela descoberta de novas fontes energéticas no interior do país, por causa dos seguintes motivos:

- a) Petróleo → A dependência chinesa do mercado externo, especialmente do Oriente Médio, deixa o governo chinês apreensivo, visto que esta localidade é foco de instabilidades políticas e que os EUA controlam as vias marítimas do Golfo Pérsico. Além disso, a China fica sujeita a possíveis crises, em função de oscilações do preço do óleo no mercado internacional;
- b) Carvão → O carvão, por ser extremamente poluente, é uma alternativa energética que a médio e a longo prazo os chineses abandonarão;

É neste esforço pela busca de fontes de energia alternativas que se insere os investimentos estatais em hidroeletricidade e na exploração do gás natural, havendo espaço para outras formas de energia.

### 4.3 Necessidade Vital 3: Desenvolver Infra-Estrutura

Nas palavras do engenheiro civil e ex-presidente da Cia. Vale do Rio Doce, Eliezer Batista, infra-estrutura “... é logística.”<sup>61</sup> Ainda segundo ele, logística “Trata-se da noção de custo para levar um objeto de um ponto a outro, incluindo gastos com transportes, armazenagem, manipulação portuária, distribuição, telecomunicação, etc.”<sup>62</sup> Normalmente, os serviços de infra-estrutura (transportes, telecomunicações e energia) são públicos. Entretanto, a presença da iniciativa privada no setor cresce rapidamente, em função do Estado enfrentar problemas fiscais e também da mudança do seu papel na atividade econômica.<sup>63</sup>

A relação entre infra-estrutura e crescimento econômico é um tema recente no estudo da economia. Por causa disso, não há consenso em diversos pontos nesta temática. “O único consenso parece ser o de que a infra-estrutura tem, ao menos, efeitos permanentes sobre o nível de renda e a produtividade da economia, mas não afeta o crescimento sustentado das nações.”<sup>64</sup> O resultado de uma pesquisa sobre o custo social da infra-estrutura no Brasil revelou que “... países que possuem maiores índices de infra-estrutura, sejam de rodovias ou de energia elétrica, também tem renda maior por habitante, ou ainda, níveis de renda por trabalhador maiores só são compatíveis com uma disponibilidade também maior de infra-estrutura rodoviária e de energia elétrica, já consideradas as demais diferenças de capital,

---

<sup>61</sup> Eliezer BATISTA, *O Filho da Nova Era*, Revista Conjuntura Econômica, p.39.

<sup>62</sup> Ibid.

<sup>63</sup> Fernando GARCIA; Rogério CÉSAR de SOUZA; José RICARDO de SANTANA, *O Custo do Subdesenvolvimento da Infra-Estrutura*, In Revista Conjuntura da Construção, p. 17.

<sup>64</sup> Ibid.

qualificação da mão-de-obra, desenvolvimento político, etc. Esse é o efeito da infra-estrutura sobre a produtividade.”<sup>65</sup>

Em países populosos e de dimensões continentais, a infra-estrutura tem uma enorme importância, pois um mercado interno interligado proporciona boas condições para o desenvolvimento da atividade econômica, assim como uma infra-estrutura adequada é uma das condições essenciais para o sucesso da atividade exportadora. Um país possuidor de um mercado interno com um nível satisfatório de atividade econômica, como também detentor de um comércio exterior dinâmico apresenta resultados positivos em nível de renda e em produtividade.

Na China, há uma concentração de infra-estrutura nas áreas costeiras e nas províncias do sudeste onde se encontram as zonas urbano-industriais do país. Isso se explica pela própria história das reformas e da abertura econômica que se iniciaram com o estabelecimento das Zonas Econômicas Especiais e, após a confirmação do sucesso destas, difundiram-se para as províncias do sudeste.

Hoje, um dos principais objetivos do Governo Central é o desenvolvimento das províncias do oeste da China, como observamos neste trecho do 10º Plano Quinquenal: “... *the development disparity between regions will be put under effective control...*”<sup>66</sup> Para tal, a Administração incentiva a instalação de empresas por meio de diversos benefícios fiscais e não fiscais, assim como investe demasiadamente na realização de projetos de infra-estrutura<sup>67</sup> para interligar tais províncias àquelas do leste e à zona costeira.

Os investimentos em transportes, telecomunicações e energia dirigem-se também às grandes cidades chinesas<sup>68</sup> que, segundo previsões, receberão milhões de chineses oriundos das zonas rurais.

#### 4.4 Necessidade Vital 4: Desenvolver Tecnologia

A produção de tecnologia é um ponto-chave para o crescimento econômico e para a superação do atraso dos países em desenvolvimento. A tecnologia dá a oportunidade a estes países de agregarem valor à sua produção. Cabe lembrar que o subdesenvolvimento caracteriza-se, dentre outros fatores, pela dependência tecnológica.

A China adotou uma estratégia para o seu desenvolvimento tecnológico que se divide em duas frentes: investir pesadamente em ciência e tecnologia<sup>69</sup>; transferência de tecnologia via *joint ventures*.

Investir em ciência e tecnologia significa destinar recursos para e melhorar a educação. O governo chinês destina vultuosas somas de dinheiro para centros e institutos de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico que, em sua maioria, estão voltados para as operações do mercado: o

---

<sup>65</sup>Fernando GARCIA; Rogério CÉSAR de SOUZA; José RICARDO de SANTANA, *O Custo do Subdesenvolvimento da Infra-Estrutura*, In Revista Conjuntura da Construção, p. 19.

<sup>66</sup> 10º PLANO QUINQUENAL. Disponível em [www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm](http://www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm).

<sup>67</sup> O trecho do 10º Plano Quinquenal demonstra a importância conferida pelo governo chinês à infra-estrutura: “... *the infrastructure facilities will be further consummated...*”. Vide o texto do Plano em [www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm](http://www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm).

<sup>68</sup> Existem mais de 100 cidades na China com uma população igual ou superior a 1 milhão de habitantes.

<sup>69</sup> No texto do 10º Plano Quinquenal, encontramos algumas diretrizes da política chinesa de investimento em ciência e tecnologia: “*In 2005, the proportion of the research and development funds of the entire society in the GDP will increase to more than 1.5 percent; sci-tech innovation capabilities will be strengthened, and technological progress will be speeded up; the gross enrolment rate of junior high schools will be over 90 percent; and that of senior high schools and higher education, about 60 percent and 15 percent, respectively.*” Vide o site [www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm](http://www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm).

conhecimento que produzem é absorvido pelas empresas que concebem um novo bem ou aperfeiçoam outro já existente, ou, ainda, que otimizam os seus processos produtivos. A seguinte passagem é ilustrativa: “*While the Chinese government has implemented a series of policies to promote the high-tech industry, most scientific research institutes specializing in developing technology now are geared to market economy operations. In recent years, the business volume of the nation's technology market has increased at an annual rate of over 50 percent. State-level high-tech development zones now number 53, and well over 600 research findings above the provincial/ministerial level have been put to use in production in these zones. In 2002, high-tech enterprises in these zones totaled 25,000, of which 1,539 had registered an annual production value of over 100 million yuan, 185 over 1 billion yuan, and ten over 10 billion yuan, with over 1 million employees.*”<sup>70</sup>

Além disso, o governo está se empenhando na consolidação e no aperfeiçoamento de um seleto número de universidades que serão as escolas de ponta da China e, ano após ano, milhares de jovens chineses vão estudar no exterior, com o apoio do Estado que concede bolsas de estudo, nas melhores escolas da Europa e dos EUA. Ao retornarem, trazem consigo um conhecimento que será a base para o avanço tecnológico da China e, por conseguinte, da continuidade do crescimento econômico de seu país.

Empresas estrangeiras que queiram montar uma unidade na China ou já estão estabelecidas neste país precisam ou precisaram associar-se a uma empresa local<sup>71</sup>, constituindo uma *joint venture*, com o compromisso de fornecer tecnologia à sua associada chinesa.

Pomar descreve-nos a estratégia chinesa para o desenvolvimento tecnológico: “Para assimilar e adaptar as altas e novas tecnologias, a China possui programas com fundos especiais para estimular suas pesquisas e seu desenvolvimento. A condição principal, embora não a única, para a aceitação de investimentos estrangeiros na China é o aporte de novas e/ou altas tecnologias. E em todo o país estão sendo construídas zonas econômicas de desenvolvimento tecnológico, de modo a facilitar a interação entre as diversas empresas que trabalham com tecnologias avançadas, e delas com as universidades e centros de pesquisa. Milhares de estudantes são enviados ao exterior, todo ano, para estudar e trabalhar por algum tempo em empresas avançadas, de modo que façam aportes científicos e tecnológicos ao país no seu retorno.

Por sua vez, as empresas com tecnologias atrasadas são estimuladas a modernizar-se paulatinamente, pela constante difusão de novas tecnologias, do trabalho de incubadoras de empresas e de outras formas que permitam a transformação tecnológica a médio e longo prazos.”<sup>72</sup>

Tanto a política de investimentos em ciência e tecnologia quanto a obrigatoriedade de transferência de tecnologia que empresas estrangeiras devem fazer se desejarem se instalar na China, mostraram-se bem sucedidas ao longo dos últimos 25 anos das reformas, visto que floresceram no país

---

<sup>70</sup> *New and High-Tech Industries*. Texto disponível em [www.china.org.cn/english/features/China2004/106914.htm](http://www.china.org.cn/english/features/China2004/106914.htm) .

<sup>71</sup> Existem na China os seguintes tipos de empresas: estatais; coletivas (espécie de cooperativa- pertencem a seus empregados e funcionários); privadas nacionais; e mistas (empreendimentos pertencentes a empresas estatais e coletivas; a empresas estatais e empresas privadas nacionais; a empresas estatais e empresas privadas estrangeiras- *joint venture*; a empresas coletivas e empresas privadas nacionais; a empresas coletivas e privadas estrangeiras- *joint venture*; a empresas privadas nacionais e empresas privadas estrangeiras- *joint ventures*).

<sup>72</sup> Wladimir POMAR. *A Revolução Chinesa*. p. 115-116.



setores industriais de alta tecnologia: indústria aeroespacial, biotecnologia, informática, eletrônica e telecomunicações.

#### **4.5 Necessidades Vitais: base para a construção da lista de Produtos e Serviços**

Tendo por base a satisfação dessas necessidades vitais, a fim de que a China continue crescendo economicamente, apresentaremos no próximo item uma lista de produtos e serviços brasileiros que ainda não são exportados a ela ou já o são em pequenas quantidades. Adicionalmente, falaremos daqueles produtos cujas vendas se destacam, mas que ainda apresentam espaço para um aumento dos negócios.

### **5- Lista de Produtos e Serviços Brasileiros**

Abordaremos neste item algumas potencialidades de mercado para o Brasil na China: produtos e serviços que ainda não são exportados a ela ou já o são em reduzidas quantidades, porém que têm grande potencial de crescimento dos negócios. Além disso, analisaremos também, dentre os bens que se destacam pelo volume das transações, aqueles em que as vendas podem se elevar ainda mais.

Antes de prosseguirmos, gostaríamos de destacar que o mercado chinês apresenta muitas oportunidades de negócios para o empresariado nacional. Esta afirmação é endossada por pessoas conhecedoras do mercado consumidor chinês. Jayme Martins, jornalista brasileiro que viveu muitos anos na China e Diretor de Comunicação da Câmara de Comércio e Indústria Brasil-China, expõe que “Além dos produtos que já são vendidos, as possibilidades são imensas para muitíssimos outros produtos brasileiros, fadados a imenso sucesso no crescente mercado interno chinês: vinhos, cachaças, leite longa vida e em pó, madeira bruta e processada, frutas, polpas e sucos, chocolate, alimentos processados, açúcar, álcool, óleos comestíveis, mel, própolis, geléia real, celulose, agronegócios em geral, consultoria e serviços de engenharia, tecnologia de ensino, de informação e de saneamento básico, móveis, granito, energia, construção, máquinas e equipamentos, projetos de arquitetura, urbanização e saneamento básico ou, ainda, futebol (jogadores, técnicos, escolas, equipamentos, excursões e torneios interclubes), jóias, artesanato artístico, pão de queijo e até mudas de flores...”<sup>73</sup> Já Maurício Machado, *Senior Manager* do *China Desk* do Banco Santos, chama a atenção para alguns produtos exportados em pequenas quantidades que podem vir a aumentar a sua participação em nossa pauta nos próximos anos: “Alguns produtos que podemos pensar são: partes e peças, produtos químicos de medicina, por exemplo, *drugs*, madeiras, algodão, leite e carne que é vendida ainda muito pouco.”<sup>74</sup> Paul Liu, a exemplo de Jayme Martins, também aponta algumas potencialidades de mercado: “Alguns produtos brasileiros são carne bovina, frutas tropicais, café e álcool combustível. No caso das frutas tropicais, o Brasil é o único país do mundo que possui essa grande variedade de frutas e também um clima excelente. O caju, por exemplo, onde você encontra uma fruta como essa? A castanha do Pará é outro exemplo também.”<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> Jayme MARTINS. *Balanço da Visita do Presidente Lula à China*. p.7 .

<sup>74</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004*.

<sup>75</sup> Paul LIU, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em julho de 2004*.

Passemos agora a nossa análise.

## 5.1 Bens e Serviços ainda não exportados ou vendidos em pequenas quantidades

### 5.1.1 Produtos Primários

#### a) Alimentos

Como vimos, a segurança alimentar é um tema vital para o crescimento econômico chinês.

O Brasil encontra-se entre os maiores produtores mundiais de produtos agropecuários e segundo Paulino “... é um candidato natural a suprir essa demanda [chinesa por alimentos]. Ao contrário da China, pode acrescentar aos atuais 50 milhões de hectares de área plantada pelo menos outros 96 milhões, o que torna o Brasil o único país agrícola com extensão territorial ainda disponível para ser ampliada à produção agrícola em condições de atender à demanda chinesa.”<sup>76</sup>

O Ministro brasileiro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, explica a seguir porque a China é uma prioridade para o país, em especial para o setor agropecuário: “Queremos nos aproximar cada vez mais da China, um país que vêm crescendo a taxas surpreendentes e que deverá ter nos próximos anos um forte fluxo de pessoas do campo para a cidade. Isso deve aumentar a sua demanda por alimentos, e o Brasil é um grande produtor e exportador de grãos, fibras, frutas e carnes.”<sup>77</sup>

Vejamos algumas potencialidades de mercado:

- Carnes: O Brasil não exportava carne bovina a China, pois não possuía uma autorização sanitária para tal. Em relação à carne de frango, embora com a existência de uma cota provisória que lhe permitia exportar aos chineses 15 mil toneladas por ano para industrialização, o país também negociava um acordo sanitário. Com a vinda ao Brasil em novembro do presidente chinês, Hu Jintao, a China e o Brasil assinaram vários acordos em diversas áreas (agronegócio, aviação, turismo, satélites, investimentos), destacando-se para a agropecuária nacional os protocolos sobre condições sanitárias que abrem, finalmente, o mercado chinês de carne bovina (incluindo os miúdos) e de frango *in natura* para o Brasil. Após duras negociações que desembocaram no reconhecimento da China como economia de mercado pelo Brasil, além da abertura do mercado brasileiro às vendas chinesas de frangos, suínos processados e tripas de suínos, a China abriu o seu mercado para as nossas carnes. Nas palavras do Ministro Roberto Rodrigues “Com os acordos sanitários assinados ontem por Brasil e China, as vendas brasileiras de frango deverão aumentar US\$ 200 milhões

---

<sup>76</sup> Luís Antônio PAULINO, *O Milagre Chinês*, In Revista Bonifácio, p. 25.

<sup>77</sup> Roberto RODRIGUES, Agronegócio: fonte de boas notícias, *Em Entrevista a Revista Parceria Brasil-China*, p. 12.

por ano e as de carne bovina, US\$ 600 milhões...”<sup>78</sup> e já no próximo ano “... cerca de 60 mil toneladas de carne bovina e 40 mil toneladas de carne de frango...”<sup>79</sup>

•Suco de Laranja: O Brasil exporta pouco suco de laranja a China. Entretanto, os negócios crescem rapidamente: em maio deste ano, o valor das vendas já tinha superado em 10% o total daquele de 2003. “Segundo estimativa do pesquisador Antônio Ambrósio do Amaral, do Instituto de Economia Agrícola (IEA), atualmente são [exportadas] cerca de 30 mil toneladas. Mas ele acredita que as vendas tendem a crescer de forma significativa nos próximos anos. Para ele, um dos fatores que devem incrementar as exportações do produto para a China é o fato de esse país, a partir de seu ingresso na Organização Mundial do Comércio (OMC), ter reduzido sua tarifa aduaneira de 75% para 7.5%, uma das mais baixas do mundo.”<sup>80</sup>

•Frutas: O Brasil possui e produz uma variedade enorme de frutas: cítricas, caju, manga, melão, abacaxi, frutas da Amazônia (ex.:açai), melancia, banana, goiaba, cupuaçu e etc. Muitas delas só existem aqui. Todavia, o país praticamente não as exporta a China. Porém, o setor é um mercado em potencial para o Brasil. Isso se comprova pelos esforços em abrir mercados do governo brasileiro que “... tem interesse em exportar para a China frutas cítricas, uvas e melão...”<sup>81</sup> Com este objetivo, um outro acordo, assinado na ocasião da recente visita de Hu Jintao, criou “... um grupo de trabalho para facilitar a venda de soja, óleo de soja e frutas para a China.”<sup>82</sup> Este grupo de trabalho deve “...concluir o mais brevemente possível as análises de risco de pragas para viabilizar o comércio bilateral destas frutas.”<sup>83</sup>

•Café: O Brasil é o maior produtor mundial de café e também o maior exportador de café em grão. O volume dos negócios com a China é pequeno, pois a sua bebida habitual, assim como a de muitos países asiáticos, é o chá. Apenas há pouco tempo, o café passou a ser consumido pelos chineses. Hoje, já existe mais de uma centena de lojas onde se pode apreciar um café, em grandes centros como Pequim e Xangai. O diretor geral do Conselho de Exportadores de Café do Brasil, Guilherme Braga, “... considera a China um mercado muito interessante, mas que será conquistado e

---

<sup>78</sup> Lu AIKO OTTA, *Acordos vão de carnes a aviões e até gasodutos*, In Jornal O Estado de S. Paulo.

<sup>79</sup> MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), *Brasil exportará carne a China*, Disponível em [www.cbcd.org.br/pt/noticia/noticia.php?newsid=00647](http://www.cbcd.org.br/pt/noticia/noticia.php?newsid=00647).

<sup>80</sup> Antonio GRAÇA; Alzira RODRIGUES, *Boa Liquidez*, In Revista Parceria Brasil-China, p.30.

<sup>81</sup> MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), *Brasil exportará carne a China*, Disponível em [www.cbcd.org.br/pt/noticia/noticia.php?newsid=00647](http://www.cbcd.org.br/pt/noticia/noticia.php?newsid=00647).

<sup>82</sup> Eduardo CUCOLO, *Veja os principais pontos dos acordos assinados entre Brasil e China*, In Jornal Folha de S. Paulo. Disponível no site [www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u90685.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u90685.shtml).

<sup>83</sup> MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), *Brasil exportará carne a China*, Disponível em [www.cbcd.org.br/pt/noticia/noticia.php?newsid=00647](http://www.cbcd.org.br/pt/noticia/noticia.php?newsid=00647).

consolidado no médio e no longo prazo, principalmente quando os chineses passarem a consumir café em casa.”<sup>84</sup>

•Alimentos de uma forma geral: A Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia) e os seus associados promovem ações com o objetivo de abrir e de ampliar mercados na China para produtos de maior valor agregado, enxergando no gigante asiático oportunidades promissoras de negócios “ ‘...para exportar geléias, condimentos, óleos comestíveis especiais, biscoitos, alimentos processados em lata- do tipo peixes industrializados-, *soft drinks* e forneados (misturas para bolos, tortas etc), entre outros produtos do gênero’, comenta Edmundo Pinho Ayres, diretor de Relações Internacionais da Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (Abia).”<sup>85</sup> Exemplos desta perspectiva proativa da indústria brasileira de alimentos são: participação do setor em missões do governo e em missões comerciais, como na Missão de empresários a Xangai organizada pela Agência de Promoção das Exportações (Apex) e pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), em que pequenas e médias empresas do setor marcaram presença. Esta missão a Xangai despertou “... um grande interesse dos chineses pelos alimentos brasileiros, segundo declaração feita na ocasião pelo próprio presidente da Apex, Juan Quirós. Dados divulgados pela entidade [referência a Abia] indicam que foram fechados negócios futuros no valor de R\$ 462 milhões, principalmente nos setores de alimentos processados, como massas, café em grão, doces e frutas secas, além de carnes diversas e peixes.”<sup>86</sup>

#### **b) Álcool Combustível (Etanol)**

Em consonância com as preocupações do governo chinês em desenvolver e utilizar fontes de energia renováveis e menos danosas ao meio-ambiente, assim como reduzir a forte dependência do país pelo petróleo, o álcool combustível coloca-se como uma excelente oportunidade para o Brasil em seu comércio com a China.

A China é o terceiro maior produtor mundial de álcool. Este combustível é produzido a partir do milho e do trigo, enquanto a produção de cana-de-açúcar atende quase que exclusivamente à produção de açúcar. Comparativamente ao custo brasileiro de produção por litro, o álcool chinês custa bem mais. Dentre outros fatores, isso se explica pela maior eficiência do processo produtivo brasileiro: o Brasil detém a melhor tecnologia de fabricação do combustível no mundo. Um outro ponto a favor da produção de álcool brasileira, a maior do mundo, é que a China, por meio de um programa governamental, começou a misturar o álcool à gasolina em três províncias em 2001. Neste ano, o programa está sendo

---

<sup>84</sup> Antonio GRAÇA; Alzira RODRIGUES, *Pouco, mas promissor*, In Revista Parceria Brasil-China, p.16.

<sup>85</sup> Antonio GRAÇA; Alzira RODRIGUES, *Novos Nichos*, In Revista Parceria Brasil-China, p.26.

<sup>86</sup> Ibid.

ampliado para nove províncias.<sup>87</sup> A respeito de alguns destes pontos favoráveis ao álcool nacional, Martins diz que “Os produtores brasileiros de álcool combustível estão apostando todas as fichas no mercado chinês. O setor quer participar do programa governamental que, há três anos, determinou a mistura de álcool à gasolina da China, em uma proporção inicial de 10%, o que abre um mercado potencial de pelo menos 4.5 bilhões de litros por ano. A participação do Brasil no programa depende de uma decisão do governo chinês, através de sua empresa petrolífera, a Sinopec. Hoje a China produz álcool a partir do milho, o qual, além de ser mais caro do que o da cana, ocupa áreas necessárias à produção de alimentos, questão que se tornará mais crítica, à medida em que aumentar a abrangência desse programa. Uma vez reduzidas as barreiras tarifárias, como se negocia, o Brasil terá condições de exportar álcool de cana por um preço 30 a 40% mais barato do que o álcool de milho chinês.”<sup>88</sup>

Atualmente, a pequena quantidade de álcool vendida à China não é de álcool combustível. Todavia, empresários do setor sucro-alcooleiro nacional aguardam ansiosamente a concretização das negociações com o governo chinês, para que possam passar a participar do referido programa governamental.

### **5.1.2 Serviços**

#### **a) Consultoria e Serviços de Engenharia**

Lembrando que a infra-estrutura ocupa um papel de destaque para a continuidade do crescimento chinês e que o governo destina boas somas de recursos para a área, o Brasil está no grupo de países capacitados a prestar consultoria e serviços na área de engenharia civil para a construção de grandes obras (hidrelétricas, pontes, estradas e etc), em função do *know-how* que possui. Aliás, há a participação de grupos empreiteiros nacionais no projeto da Hidrelétrica de Três Gargantas. Várias empreiteiras nacionais poderiam participar de obras de infra-estrutura na China. Algumas empresas: Camargo Corrêa, Odebrecht, Mendes Junior, CBPO, Sultepa, Azevedo e Lix da Cunha.

#### **b) Consultoria e Serviços em Arquitetura e Planejamento Urbano e Paisagístico**

A exemplo da consultoria e prestação de serviços de engenharia, consultorias e serviços em arquitetura e planejamento urbano e paisagístico são de significativa importância para projetos de infra-estrutura. Imaginemos, por exemplo, como a construção de uma linha de metrô modifica a paisagem urbana de um bairro ou localidade. A arquitetura e o planejamento urbano mostrar-se-ão fundamentais para a reharmonização do espaço alterado.

---

<sup>87</sup> Antonio GRAÇA; Alzira RODRIGUES, *De Olho no Bicomcombustível*, In Revista Parceria Brasil-China, p.18.

<sup>88</sup> Jayme MARTINS. *Balanço da Visita do Presidente Lula à China*. p.5 .

Igualmente a área de engenharia, a China, certamente, necessita de serviços e consultoria em arquitetura e planejamento urbano e paisagístico, estando o Brasil preparado para atender a sua demanda. Bruno Padovano, diretor-presidente da Padovano Arquitetura em Rede e professor de graduação e pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, discorre sobre as oportunidades para a arquitetura brasileira na China “A China passa atualmente por um processo de planejamento urbano muito intenso. O governo chinês tem investido maciçamente na construção de novos centros urbanos, trabalhando em termos de projetos urbanísticos e paisagísticos em grande escala, construindo cidades inteiras, desde residências até prédios comerciais, praças, parques, escolas, hospitais, estádios, museus, etc. Além dos investimentos governamentais, há também os de capital privado em habitação, centros comerciais e todo tipo de instalação industrial, assim como os ligados ao setor terciário. Assim, as oportunidades no campo da arquitetura são imensas, e não só para os profissionais brasileiros. Os projetos na China são de grande escala e o país não dispõe de arquitetos em quantidade suficiente para atender a demanda.”<sup>89</sup>

### **c) Consultoria e Serviços de Advocacia**

O Direito Internacional Público e Privado (em especial, a parte de contratos internacionais) é fundamental para que as relações comerciais internacionais ocorram de forma transparente e serena. A sua importância potencializa-se no caso de Brasil e China, devido às diferenças culturais e à falta de conhecimento que os atores de ambos os lados, muitas vezes, têm um do outro.

Destarte, há um potencial neste campo para o aparecimento ou especialização de escritórios de advocacia brasileiros em Relações Brasil-China, sejam estas de natureza comercial e/ou política, estando tais escritórios em condições de atender, por exemplo, tanto empresários brasileiros quanto chineses.

A percepção sobre este nicho de mercado já começou a surgir. As Câmaras de Comércio, como é o caso da CBCDE, já contam com escritórios de advocacia em seu quadro de associados. O advogado Rabih Nasser, sócio do escritório Albino Advogados, por exemplo, está explorando o bom momento das Relações Sino-brasileiras. Eles nos conta que “... seu escritório já fez (...) amplo levantamento da legislação comercial chinesa. No outro sentido, fez, em 2003, uma apresentação da legislação brasileira para 40 empresários chineses.”<sup>90</sup>

## **5.1.3 Manufaturados**

### **a) Automóveis Multicombustíveis**

---

<sup>89</sup> Alexandre AKASHI, *Arquitetura tipo exportação*, In Revista Parceria Brasil-China, p.17.

<sup>90</sup> Antônio GRAÇA, *Oportunidades no front*, In Revista Parceria Brasil-China, p.57.

Na mesma linha do álcool de reduzir a dependência chinesa do petróleo, como também a problemática ambiental, enquadra-se a possibilidade do Brasil exportar carros bicompostíveis ou transferir a tecnologia do motor multicompostível aos chineses. Na recente visita de Hu Jintao ao Brasil, assinou-se "... um memorando prevendo a transferência de tecnologia de produção e utilização do álcool do Brasil para a China." Por este memorando, provavelmente o Brasil transferirá a tecnologia do motor multicompostível. Neste caso, que o governo brasileiro, conjuntamente com as empresas e centros de pesquisa nacionais responsáveis pela concepção da tecnologia, saibam cobrar um preço que compense esta transferência.

#### **5.1.4 Bens e Serviços de Alta Tecnologia**

Como abordamos anteriormente, a tecnologia é uma necessidade vital ao crescimento econômico chinês.

Em seguida, trataremos de setores brasileiros de tecnologia de ponta que podem proporcionar grandes ganhos em transações com a China.

##### **a) Tecnologia da Informação**

- 1) Softwares de gestão financeira: O Brasil possui uma das melhores tecnologias mundiais em sistemas de informação bancária. Os chineses interessam-se demasiadamente por esta tecnologia. No trecho que se segue, Maurício Machado do Banco Santos nos expõe mais detalhadamente sobre os softwares de gestão financeira e o interesse dos chineses "Quanto a isso, podemos comentar duas coisas [refere-se a potencialidades de mercado dos *softwares* brasileiros]. A Primeira, com abertura para o mercado estrangeiro até 2007 na China [em virtude do ingresso na OMC], sem dúvida alguma, finalmente eles vão ter que se debruçar sobre o tema e fazer os ajustes necessários [em um momento da entrevista, Maurício conta que os 4 maiores bancos chineses possuem mais de 300 mil funcionários cada um, sendo, portanto, muito inchados]. E daí vão ter que olhar com outros olhos a compra ou a manutenção de informática em cada banco. Eu quero dizer também da nossa experiência. Nós recebemos muitos bancos chineses. Praticamente todos os bancos chineses que vêm ao Brasil passam pelo Banco Santos. E eles sempre gostam de ver como o nosso banco é gerido, quais as facilidades dele com a informática, como o Banco é moderno, isto é, querem ver como nós trabalhamos. O Chinês, por si só, é um grande estudioso do mercado internacional. Então, ele está atento a essas mudanças e as oportunidades que o Brasil pode trazer no futuro. A mesma coisa, os brasileiros sabem muito bem, pelo *know-how* que nós temos, do grande mercado que a China oferece para *softwares* de gestão, *softwares* de cartões de

crédito, enfim, a tecnologia bancária em que o Brasil é o primeiro ou o segundo do mundo. Com certeza, o nosso país está na vanguarda ou na ponta do mundo todo. Então nós temos um grande mercado neste filão ou área de *softwares* bancários e *softwares* de gestão ligados a bancos.”<sup>91</sup> Os chineses querem tanto esta tecnologia que durante a estada de Hu Jintao aqui, um dos acordos firmados entre os governos foi de “Transferência de tecnologias, principalmente *software*, nas áreas de automação bancária, arrecadação de impostos e governo eletrônico...”<sup>92</sup>. Falaremos destas outras categorias de *softwares* no próximo item.

- 2) *Softwares* de arrecadação bancária, de arrecadação de impostos, de governo eletrônico, de *e-commerce*, de gestão de empresas: O Brasil foi um dos pioneiros em Governo Eletrônico, notadamente o *case* do Estado de S. Paulo. Quanto a sistemas de informação para empresas, *softwares* de *e-commerce* e de gestão de empresas, há uma variedade de produtos, como programas para gerenciamento de estoques e controle de logística. Todos estes bens tecnológicos apresentam promissoras perspectivas de negócios com os chineses, pois são áreas em que eles possuem pouca experiência.

#### **b) Prospecção e Exploração de Petróleo em Águas Profundas**

Estão em curso entendimentos entre a Petrobrás e a estatal chinesa Sinopec, para a transferência de tecnologia de prospecção e de exploração de petróleo em águas profundas da empresa brasileira, detentora da melhor tecnologia do mundo, a esta petroleira chinesa. Como já tratamos, a China realiza esforços para diminuir a sua dependência por petróleo, particularmente das importações do Oriente Médio.

Assim, enormes são as possibilidades da Petrobrás vender tecnologia à China.

#### **c) Tecnologia em Agropecuária**

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) atua com biotecnologia em sementes e rebanhos, como também desenvolve tecnologias para a correção e aproveitamento de solos, além de outras que permitam a elevação da produtividade das terras.

Todo este *know-how*, sem dúvida, poderia ser vendido à China, pois os rebanhos chineses possuem baixa produtividade, assim como o país tem sérios problemas com solos inapropriados para o cultivo agrícola. Maurício Machado, ao utilizar-se do exemplo do Cerrado brasileiro, elogia o papel da Embrapa no desenvolvimento desta região, hoje uma das maiores fronteiras agrícolas do mundo, e fala de

---

<sup>91</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004.*

<sup>92</sup> Eduardo CUCOLO, *Veja os principais pontos dos acordos assinados entre Brasil e China*, In Jornal Folha de S. Paulo. Disponível no site [www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u90685.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u90685.shtml).



possibilidades de negócios “A China é um país extremamente árido. A exemplo do que foi a região de Goiás há 15 ou 20 anos atrás, muito árida, depois do ótimo trabalho de base realizado pela Embrapa, esta região mudou completamente e é esse sucesso que vemos com o agronegócio. Hoje a Embrapa detêm uma tecnologia que é exportável a China a qualquer momento.”<sup>93</sup>

## **5.2 Bens com significativa presença na pauta de exportações brasileira**

### **5.2.1 Produtos Primários**

A disposição dos chineses em investir na melhoria da infra-estrutura brasileira (modernização de portos, ferrovias, estradas e desenvolvimento de projetos de geração de energia), por meio de Parcerias Público-Privadas (PPPs), indica, claramente, o interesse deles em assegurar o fornecimento constante, a médio e a longo prazo, de matérias-prima vitais ao seu crescimento e desenvolvimento econômico: minérios e soja. O Governo e a elite econômica chineses sabem muito bem das suas limitações quanto a recursos naturais. Felipe Hsieh, do Banco Santos, explica que “Afora o carvão que a China possui reservas abundantes, ela é pobre em minérios, como ferro e manganês. Ela até tem alguma coisa de minérios, mas é algo que está muito aquém de suprir a demanda do seu ritmo de crescimento.”<sup>94</sup> E ele continua, dizendo que “O fornecimento de matérias-prima do Brasil para a China é uma visão que eles têm de longo prazo. Se não fosse isso, eles não estariam investindo aqui em infra-estrutura. Na verdade, eles querem garantir o fornecimento contínuo de alimentos para lá. Então você vê várias empresas de infra-estrutura relacionadas às matérias-prima, como a BaoSteel e a Cemec, investindo para garantir o fornecimento de commodities baratas para a China.”<sup>95</sup>

#### **a) Soja**

As compras chinesas de soja (soja em grãos, óleo de soja e farelo) brasileira cresceram a largas passadas nos últimos anos. Estas compras tendem a aumentar segundo a Consultoria Internacional, Miliboss International Consultants Limited, porque a China consumiu “... 16 milhões de toneladas de soja (produção nacional) e mais 20.78 milhões de toneladas de soja importada, somando um total de 37 milhões. Se até o ano de 2015 a população das cidades aumentar em 300 milhões, será preciso, no mínimo, mais 22 milhões de tonelada de soja. Como o crescimento é de 2 milhões de toneladas por ano,

---

<sup>93</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004.*

<sup>94</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004.*

<sup>95</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004.*

será impossível depender somente da produção nacional. Haverá necessidade de criar laços resistentes de bases de fornecimento e a construção de sistemas básicos para a troca de materiais.”<sup>96</sup>

## **b) Minérios**

A compra de minérios do Brasil pela China também vêm crescendo rapidamente de poucos anos para cá. E a tendência é que estas transações continuem a crescer, pelo fato de que o governo chinês investe muito em infra-estrutura, como também por causa das estimativas de milhões de chineses que migrarão para as cidades nos próximos anos e décadas, elevando, sobremaneira, a taxa de urbanização e, conseqüentemente, impulsionando a atividade da construção civil.

O Brasil seria o parceiro ideal para a China, porque “... possui um potencial de 48 bilhões de toneladas de minério de ferro de alto nível de qualidade, sendo uma fonte perfeita de fornecimento.”<sup>97</sup>

## **5.3 Considerações Finais**

Neste item, chegamos a conclusão de que as potencialidades de mercado na China para os produtos e serviços brasileiros não se restringem apenas a produtos básicos. Como visto, há várias potencialidades em indústria de alta tecnologia e em consultoria e prestação de serviços, áreas que demandam um alto grau de conhecimento e *know-how*.

## **6- Como ampliar e aprofundar o nosso comércio com a China?**

No ano passado, o comércio exterior do Brasil representou algo próximo de 1% do comércio mundial. Por quê nossa participação é tão baixa?

Uma possível resposta relaciona-se ao modelo desenvolvimentista de substituição das importações, iniciado com Getúlio Vargas e que atinge o seu ápice nos anos sessenta. Este modelo, pela sua característica prioritária de produzir para atender ao mercado interno, limitou o desenvolvimento de uma cultura exportadora no empresariado brasileiro.

Podemos dizer que apenas nos anos 90, com as reformas econômicas liberalizantes implantadas por aqui, o empresariado nacional começa a criar uma cultura exportadora. Outros, como Maurício Machado, do Banco Santos, afirmam que este movimento de voltar as atenções para o mercado externo é muito recente “...o esforço de exportação brasileiro começou agora no final da Era Fernando

---

<sup>96</sup> MILIBOSS INTERNATIONAL CONSULTANTS LIMITED. *A Grande Riqueza dos Recursos Naturais Brasileiros*, p.2.

<sup>97</sup> MILIBOSS INTERNATIONAL CONSULTANTS LIMITED. *A Grande Riqueza dos Recursos Naturais Brasileiros*, p.3.

Henrique em 2001, 2002. Quando até o Fernando Henrique colocou 'Exportar ou Morrer!'. Eu acho que aí foi a grande virada de uma mentalidade, que era de desenvolvimento pela Conta do Capital, para uma mentalidade de desenvolvimento pela Conta do Comércio.”<sup>98</sup>

A questão é que falta aos nossos homens de negócios uma postura mais agressiva e proativa no comércio internacional. De acordo com Paul Liu, “O empresariado brasileiro não tem uma tradição de comércio internacional. É bem recente o seu interesse pelo mercado internacional e a sua inserção na economia globalizada.”<sup>99</sup>

Quanto à China, a visão de Maurício Machado é a de que este *boom* de interesse por ela surge a partir de meados no ano passado, quando as nossas vendas a ela superaram aquelas à Argentina, colocando-a como o nosso segundo maior parceiro comercial.<sup>100</sup>

Até então, como afirmam Maurício Machado e o Prof. Henrique Altemani, nós éramos procurados pelos chineses que tinham e ainda têm a necessidade de comprar matérias-primas, ou seja, éramos praticamente comprados pelos chineses. Vejamos o que dizem o Prof. Altemani e Maurício Machado:

- a) Altemani “Nós podemos pensar que esse *boom* comercial dos últimos anos é resultado em parte do esforço brasileiro, mas é muito mais da demanda chinesa.”<sup>101</sup>
- b) Maurício Machado “ Na minha opinião o Brasil nunca vendeu para a China. Ele foi comprado da China. E a China teve e tem até hoje uma necessidade de comprar minérios e proteínas do mundo todo. E um grande parceiro e um grande provedor desses minérios e proteínas é o Brasil. Então, é por isso que nós temos essas duas pautas tão a frente. O mercado brasileiro começou a entender e a se ligar na China e nas oportunidades que ela traz no ano passado, quando viu que, por dois meses, o fluxo de transações excedeu o da Argentina. Então, colocando a China já como 2º parceiro comercial do Brasil. Daí que o brasileiro foi investigar quem era a China e teve esse *boom* chinês para o Brasil.”<sup>102</sup>

Os maiores entraves ao aprofundamento do comércio com a China na visão de Jayme Martins é a falta de agressividade de nossos empresários. “Em 2003, a China importou do mundo US\$ 413 bilhões, dos quais, apenas 1.1% em produtos brasileiros. O próprio embaixador chinês em Brasília, Jian Yuande, chama a atenção para a nossa falta de agressividade comercial, lembrando que o Brasil é o maior exportador mundial de café e um dos maiores exportadores de carne, mas na China todos conhecem o bife australiano e o café colombiano. O mesmo se pode dizer da castanha de caju, que lá é servida em todos os aviões e vendida em todo o mercado, sempre com embalagem de um país que jamais plantou um pé de caju: a Suíça!”<sup>103</sup>

---

<sup>98</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004.*

<sup>99</sup> Paul LIU. *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em julho de 2004.*

<sup>100</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004.*

<sup>101</sup> Henrique ALTEMANI de OLIVEIRA. *Entrevista realizada por esta pesquisa em outubro de 2003.*

<sup>102</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004.*

<sup>103</sup> Jayme MARTINS. *Balanço da Visita do Presidente Lula à China.* p.7 .

O Chinês têm uma forma bastante peculiar de fazer negócios. O Brasileiro, caso deseje fechar negócios com clientes chineses e desta forma ampliar as suas exportações, deve antes buscar conhecer a China, viajar para lá, participar de feiras e missões comerciais, criar relacionamentos (fazer o *Guanxi*) e, se possível, aprender a língua chinesa. Maurício Machado explica-nos sobre como dinamizar os negócios “A primeira coisa é entender a China. Estudar a China. Ir até lá e ver dentro do seu segmento qual o potencial de negócios, quais são os *players*. Quais são as necessidades do povo chinês. E a outra coisa é investir. E eu não quero dizer apenas a aplicação de recursos em compra ou venda, comprar uma empresa lá. Investir que eu digo é investir recursos para o seu crescimento de *know-how*. Você tem que ir várias vezes a China, conhecer as pessoas, fazer o seu relacionamento (Guanxi), participar das feiras, entender o mercado, fazer-se conhecer. Eu acho que esse tipo de investimento o brasileiro não está acostumado a fazer. Isso para o mercado chinês é de grande relevância. Você tem que entender que é preciso conhecer a pessoa que você vai fazer negócios antes de começar o negócio em si. E isso leva um certo tempo. Você tem que investir. Eu acho que é assim que você pode aumentar as suas exportações e os seus investimentos para a China.”<sup>104</sup>

Já Charles Tang acredita que o aprofundamento de nosso comércio com a China ocorrerá quando fatores de ordem interna do Brasil forem solucionados. Em suas palavras “Como exportar mais e melhor com cinquenta e tantos diferentes tributos? Com juros que ultrapassam 100% ao ano em termos reais? Com encargos trabalhistas que passam dos 200%, e que não revertem devidamente em benefício do empregado? Com uma legislação trabalhista arcaica, draconiana, rígida e restritiva, que protege mais direitos do que empregos e que, muitas vezes, ajuda a agravar as taxas de desemprego? Com os custos soberbos da nossa burocracia e da corrupção generalizada?”<sup>105</sup>

Se pararmos para refletir, concluímos que todos aqueles, cujas as opiniões foram manifestas aqui, têm argumentos sólidos acerca da ampliação de nosso comércio para com a China. O ideal é que condensemos os pontos de vistas, a fim de podermos analisar esta questão com maior propriedade.

## **7- As Medidas de Desaceleração da Economia Chinesa Não Afetarão as Exportações Brasileiras?**

O governo de Pequim está tomando uma série de medidas para conter o elevado ritmo de crescimento econômico e segurar uma alta excessiva nos preços, assim como para que não ocorra uma nova Bolha, a exemplo do Japão nos anos 80. Algumas medidas adotadas pela Administração Chinesa: reduzir e dificultar o acesso ao crédito; elevação da taxa de juros; manter a taxa de crescimento econômico anual da China na faixa dos 7%.

Analistas do mundo inteiro discutem e se perguntam até que ponto o impacto dessas medidas trará problemas ao comércio exterior da China.

No caso do Brasil, temos duas visões opostas. Uma que acredita que as exportações brasileiras, assim como o comércio bilateral como um todo, não serão afetados negativamente por tais medidas. A segunda crê que estas medidas trazem prejuízos às vendas brasileiras.

---

<sup>104</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004.*

<sup>105</sup> Charles A. TANG, *Brasil, Superpotência Econômica?* p.4.

Paul Liu, presidente da Câmara Brasil-China de Desenvolvimento Econômico (CBCDE), é um adepto da primeira visão, conforme suas palavras “Eu acredito que as nossas exportações não serão afetadas, porque o volume de comércio é ainda muito pequeno. O comércio entre o Brasil e a China tem muito para crescer.”<sup>106</sup>

Enquanto Felipe Hsieh, do Banco Santos, alinha-se com a segunda “Com certeza tais medidas afetarão negativamente as exportações brasileiras. O recente contencioso em torno da soja é um exemplo claro disso. As empresas se financiavam com os recursos dos bancos e iam estocando o produto. O que é que aconteceu com a recusa da soja? Muitos bancos chineses, por ordem do governo de desacelerar um pouco a economia, restringiram o crédito. Restringindo o crédito, as empresas ficaram descapitalizadas para honrar os seus compromissos. Então resultou no que aconteceu. É um exemplo clássico que você pode usar e projetar para diversos outros setores.”<sup>107</sup>

Nossa visão é a de que estas medidas do governo chinês terão poucos impactos negativos ao Brasil, por dois motivos: como bem expôs Paul Liu, o nosso comércio ainda é pequeno e uma taxa de crescimento econômico anual de 7% continua sendo muito expressiva, o que, portanto, não diminuirá o apetite comercial do gigante asiático.

## 8- Conclusão

O comércio bilateral sino-brasileiro aumentou aceleradamente desde 2000 se compararmos aos 25 anos posteriores ao estabelecimento de Relações Diplomáticas em 1974, possuindo boas perspectivas de continuar neste ritmo, visto que o crescimento econômico da China é constante e está alicerçado em sólidos fundamentos (cifras elevadas de investimento estrangeiro direto, pesados investimentos estatais em ciência e tecnologia, vultuosas reservas internacionais, por exemplo) e, por outro lado, visto que o Brasil parece estar iniciando um novo ciclo virtuoso de crescimento: retomada dos investimentos, criação de novos empregos, aumento das importações, etc.

Mesmo com este crescimento veloz, contudo, a corrente comercial ainda é modesta e apresenta um grande espaço para se ampliar. No âmbito governamental, os presidentes Lula e Hu Jintao esforçam-se para estreitar laços e estimulam os seus respectivos setores empresariais a fazer negócios. O trecho de um pronunciamento do presidente brasileiro, à época da visita de seu colega chinês, demonstra o comprometimento de ambos com o tema do comércio bilateral: “ O Brasil é o primeiro parceiro comercial da China na América Latina. A China tornou-se o terceiro maior destino das exportações brasileiras no mundo. Em setembro de 2004, nossas exportações para a China já haviam alcançado o volume total de todo o ano de 2003, cerca de US\$ 4.5 bilhões. Nosso comércio, que hoje chega a US\$ 8 bilhões, pode mais do que duplicar nos próximos cinco anos. Aliás, neste item, o presidente Hu Jintao me disse para trabalharmos para que nos próximos três anos alcancemos uma relação comercial da ordem de US\$ 20 bilhões. Para assegurar esse prognóstico, estamos promovendo um amplo entendimento comercial que, esperamos, venha beneficiar o Brasil e a China, bem como nossos parceiros do Mercosul. (...) Considero

---

<sup>106</sup> Paul LIU. *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em julho de 2004.*

<sup>107</sup> Maurício MACHADO; Felipe HSIEH, *Em Entrevista realizada por esta pesquisa em agosto de 2004.*

de fundamental importância as parcerias e associações entre empresas dos dois países. Temos hoje, aqui, mais de 300 empresários chineses. Neste mesmo momento, está se realizando uma reunião do Conselho Empresarial Brasil-China, criado para promover a aproximação entre os investidores dos dois países.”<sup>108</sup>

Como vimos, ao analisar possibilidades de mercados na China para o Brasil, as nossas vendas a ela tem potencial para se aprofundarem significativamente. Agora, cabe aos nossos empresários cumprirem a sua parte, pois o Governo realiza a dele de forma satisfatória, organizando missões e fechando os mais variados tipos de acordos. Para o empresário brasileiro, com fazer ou cumprir a sua parte, queremos dizer: buscar conhecer a China, viajar até lá, participar de feiras internacionais de negócios, aprender o idioma chinês, criar relacionamentos com os seus clientes chineses (*Guanxi*) e assim por diante.

---

<sup>108</sup> *Brasil assina acordos com a China para indústria, turismo e tecnologia.* In Jornal Folha de S. Paulo. Disponível em [www1.folha.uol.com.br/folha/Brasil/ult96u65679.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/Brasil/ult96u65679.shtml).

## ANEXO 1

Os números do intercâmbio comercial entre Brasil e China desde 1984

	Exportações do Brasil à China (valores em US\$ F.O.B.)	Exportações da China ao Brasil (valores em US\$ F.O.B.)	Total do Comércio Bilateral (valores em US\$ F.O.B.)
1984	453.110.902	365.315.444	818.426.346
1985	817.583.625	418.563.796	1.236.147.421
1986	517.305.709	289.037.092	806.342.801
1987	361.533.439	297.502.027	659.035.466
1988	718.484.822	82.914.476	801.399.298
1989	628.341.233	128.002.490	756.343.723
1990	381.803.845	168.792.327	550.596.172
1991	226.405.821	129.040.536	355.446.357
1992	460.031.616	116.775.031	576.806.647
1993	779.394.972	304.856.536	1.084.251.508
1994	822.416.147	463.495.924	1.285.912.071
1995	1.203.750.528	1.041.728.048	2.245.478.576
1996	1.113.828.697	1.132.883.363	2.246.712.060
1997	1.088.213.686	1.166.420.980	2.254.634.666
1998	904.879.640	1.033.806.095	1.938.685.735
1999	676.140.777	865.159.591	1.541.300.368
2000	1.085.223.878	1.222.144.368	2.307.368.246
2001	1.902.093.617	1.328.415.610	3.230.509.227
2002	2.520.457.098	1.554.012.240	4.074.469.338
2003	4.532.559.799	2.147.666.766	6.680.226.565
2004 (jan/out))	4.738.548.149	2.985.147.305	7.723.695.454

Fonte: Elaboração própria com dados do MDIC (Secex)

## ANEXO 2

### Situação da Balança Comercial Brasileira no Comércio com a China

	Superávit comercial brasileiro (valores em US\$)	Déficit comercial brasileiro (valores em US\$)
1984	87.795.458	-----
1985	399.019.829	-----
1986	228.268.617	-----
1987	64.031.412	-----
1988	635.570.346	-----
1989	500.338.743	-----
1990	213.011.518	-----
1991	97.365.285	-----
1992	343.256.585	-----
1993	474.538.436	-----
1994	358.920.223	-----
1995	162.022.480	-----
1996	-----	19.054.666
1997	-----	78.207.294
1998	-----	128.926.455
1999	-----	189.018.814
2000	-----	136.920.490
2001	573.678.007	-----
2002	966.444.858	-----
2003	2.384.893.033	-----
2004 (jan/out)	1.753.400.844	-----

Fonte: elaboração própria com dados do MDIC (Secex)



## BIBLIOGRAFIA

### 1) Livros

- POMAR, Wladimir. *A Revolução Chinesa*. São Paulo: Unesp, 2003.  
STORY, Jonathan. *China: A Corrida para o mercado*. São Paulo: Futura, 2004.  
ZEMIN, Jiang. *Reforma e construção da China*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

### 2) Artigos de Revistas

- AKASHI, Alexandre. "Arquitetura tipo exportação" in *Revista Parceria Brasil-China*. São Paulo, CBCDE, ano 2, nº4, fevereiro-março de 2004, p.17.  
BATISTA, Eliezer. "O Filho da Nova Era" in *Revista Conjuntura Econômica*. Rio de Janeiro, FGV, vol.58, nº11, novembro de 2004, p.38-41.  
GARCIA, Fernando; SOUSA, Rogério César de; SANTANA, José Ricardo de. "O Custo Social do Subdesenvolvimento da Infra-Estrutura" in *Revista Conjuntura da Construção*. São Paulo, ano 2, nº3, setembro de 2004, p.16-20.  
GRAÇA, Antônio. "Oportunidades no front" in *Revista Parceria Brasil-China*. São Paulo, CBCDE, ano 2, número especial, maio de 2004, p.52-57.  
GRAÇA, Antônio; RODRIGUES, Alzira. "Pouco, mas promissor" in *Revista Parceria Brasil-China*. São Paulo, CBCDE, ano 2, nº7, setembro de 2004, p.16.  
\_\_\_\_\_. "De Olho no Biocombustível" in *Revista Parceria Brasil-China*. São Paulo, CBCDE, ano 2, nº7, setembro de 2004, p.17-18.  
\_\_\_\_\_. "Novos Nichos" in *Revista Parceria Brasil-China*. São Paulo, CBCDE, ano 2, nº7, setembro de 2004, p.26-27.  
\_\_\_\_\_. "Boa Liquidez" in *Revista Parceria Brasil-China*. São Paulo, CBCDE, ano 2, nº7, setembro de 2004, p.29-30.  
FERREIRA, Edeimar Cid. "Dinamismo Chinês Contagia o Brasil" in *Revista Parceria Brasil-China*. São Paulo, CBCDE, ano 2, número especial, maio de 2004, p.65.  
FUJITA, Edmundo Sussumu. "O Brasil e a China-uma parceria estratégica modelar" in *Revista Política Externa*. São Paulo, Paz e Terra, vol.II, número 4/mar-maio 2003, p.59-70.  
LIU, Paul. "Empresários Debatem o Crescimento Chinês" in *Revista Rochas*. São Paulo, p.96-96.  
LOHBAUER, Christian. "A China e a Dimensão Energética da Ásia" in *Revista Política Externa*. São Paulo, Paz e Terra, vol.11, nº4, março-maio 2003, p.49-58.  
OLIVEIRA, Henrique Altemani de. "Os Blocos Asiáticos e o relacionamento Brasil-Ásia" in *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, Fundação SEADE, vol.16, número 1/jan-mar 2002, p.114-124.  
PAULINO, Luís Antônio. "O Milagre Chinês" in *Revista Bonifácio*. São Paulo, nº4, jul-set 2004, p.24-27.  
PORTARI, Douglas. "Histórico da Parceria" in *Revista Parceria Brasil-China*. São Paulo, CBCDE, ano I, número 1, julho-agosto 2003, p.8-10.  
RODRIGUES, Roberto. "Agronegócio: fonte de boas notícias" in *Revista Parceria Brasil-China*. São Paulo, CBCDE, ano 2, nº7, setembro de 2004, p.11-12.

### 3) Artigos de Jornal

- MELLO, Patrícia Campos. *Para o Brasil, bom negócio é com a China*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 28/09/2003, Caderno Economia, p.B10.

### 4) Documentos e dados da Internet

- BRASIL Assina Acordos com a China para Indústria, Turismo e Tecnologia. Folha Online, São Paulo, 12/11/2004, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90679.shtml> .  
CUCOLO, Eduardo. *Veja os principais pontos dos acordos assinados entre Brasil e China*. Folha Online, São Paulo, 12/11/2004, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u90685.shtml> .  
EMBAIXADA da República Popular da China no Brasil. *Comércio Bilateral entre a China e o Brasil*. (2003). <http://www.embchina.org.br>  
MARTINS, Jayme. *Balço da Visita do Presidente Lula à China*. (2004) <http://www.ccibc.com.br> , p.1-8.  
*NEW and High-Tech Industries*. Disponível em [www.china.org.cn/english/features/China2004/106914.htm](http://www.china.org.cn/english/features/China2004/106914.htm) .  
OTTA, Lu Aiko. *Acordos vão de carnes a aviões e até gasodutos*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 13/11/2004, Economia, <http://www.txt.estado.com.br/editorias/2004/11/13/eco001.html> .  
RAMONE, Fernanda. *Aspectos Comerciais e Tributários entre Brasil e China*. (2003). <http://www.ccibc.com.br>  
10º PLANO QUINQUENAL. Disponível em [www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm](http://www.china.org.cn/features/China2004/106988.htm) .

### 5) Outras Publicações

- MILIBOSS INTERNATIONAL CONSULTANTS LIMITED. *A velocidade e tamanho do futuro desenvolvimento econômico chinês depende do fornecimento de recursos naturais e energéticos*. p.1-2.  
MILIBOSS INTERNATIONAL CONSULTANTS LIMITED. *A grande riqueza dos recursos naturais brasileiros*. p.1-3.  
TANG, Charles. *Brasil, Superpotência Econômica*. Texto fornecido pelo autor, setembro de 2003.  
MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (DEPARTAMENTO DE PROMOÇÃO COMERCIAL). *Como Exportar: República Popular da China*.

---

\* Membro do Grupo de Estudos da Ásia-Pacífico dos cursos de graduação e pós em Relações Internacionais da PUC/SP (GEAP-PUC/SP).